

Amélia
de Leuchtenberg

IMPERATRIZ DO BRASIL
DUQUESA DE BRAGANÇA

Uma neta de Napoleão

Cláudia Thomé Witte

BY THE
BOOK

8	<i>A imperatriz do Brasil que escolheu Portugal</i> Prefácio de Paulo Rezzutti
15	<i>Introdução</i>
20	<i>Princesa de Leuchtenberg</i>
21	SOB A ESTRELA DE NAPOLEÃO
37	HERDEIROS DE UM IMPÉRIO
52	CRESCENDO NA BAVIERA
67	O BRASIL PROCURA UMA NOVA IMPERATRIZ
97	O CASAMENTO
120	<i>Imperatriz do Brasil</i>
121	A CAMINHO DO BRASIL
139	PRIMEIROS TEMPOS
188	VIVENDO NO RIO DE JANEIRO
214	A PERDA DO TRONO
232	<i>Duquesa de Bragança</i>
233	FUTURO INCERTO
279	ESPOSA DO LIBERTADOR
308	SENHORA DO SEU DESTINO
380	NOVAS PERDAS
411	UM LUGARZINHO NO SEU CORAÇÃO
420	GUARDIÃ DA MEMÓRIA
468	<i>Muito além de D. Amélia</i>
469	HERANÇAS E LEGADOS
490	DUAS VEZES EMBALSAMADA
503	CRONOLOGIA CRONOLOGIA DOS LOCAIS ONDE D. AMÉLIA DE LEUCHTENBERG VIVEU
511	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
531	BIBLIOGRAFIA
547	AGRADECIMENTOS

Prefácio

PAULO REZZUTTI

BIBLIOGRAFIA

VALERY, Paul. *Eupalinos ou o arquiteto*. São Paulo: 34, 1996.

A imperatriz do Brasil que escolheu Portugal

Paul Valery, em sua obra *Eupalinos ou o arquiteto*, colocou o espírito de Sócrates pronunciando um dos mais belos pensamentos que eu já li: “De todos os atos, o mais completo é o de construir. Uma obra exige amor, meditação, obediência ao teu mais belo pensamento, invenção de leis pela tua alma e muitas outras coisas que ela extrai maravilhosamente de ti e que não suspeitavas possuir”. Essa ideia me retornou à mente ao terminar de ler este livro que o leitor agora tem em mãos.

Como nos conta a pesquisadora Cláudia Thomé Witte, a imperatriz do Brasil, d. Amélia de Leuchtenberg (1812-1873), segunda esposa do imperador d. Pedro I do Brasil, viveu pouco mais de um ano entre os brasileiros, de 1829 a 1831, mas muito mais entre os portugueses. Em sua viuvez, d. Amélia, tendo propriedades na Baviera e um enteado imperador do Brasil, que a convidou para retornar para lá, escolheu se estabelecer em Lisboa, onde viveu até a sua morte em 1873.

Mesmo tendo sido imperatriz do Brasil e duquesa de Bragança, poucas obras e artigos brasileiros e portugueses foram publicados a respeito dela. Este trabalho de fôlego, da pesquisadora Cláudia Thome Witte, sucede algumas poucas outras escritas sobre d. Amélia. De mais recente sobre ela, existe uma ficção, *A imperatriz do fim do mundo*, de Ivanir Calado (1992), mas biografia mesmo foram publicadas apenas duas: *Imperatriz dona Amélia*, de Lygia Lemos Torres (1947), e *A segunda imperatriz do Brasil: Amélia de Leuchtenberg*, de Maria Junqueira Schmidt (1927). Além dessas, também há *A imperatriz desterrada*, de Lauro Barreira (1979), um livro que utiliza as duas anteriores numa tentativa de justificar o traslado do corpo de d. Amélia do Panteão dos Braganças, em São Vicente de Fora, para a Crip-ta Imperial, localizada na cidade de São Paulo, no Brasil. Essa transferência ocorreu no início da década de 1980, dez anos após o envio do corpo do imperador d. Pedro I de Lisboa para São Paulo. Em Portugal, Francisco

da Fonseca Benevides dedicou um breve capítulo à imperatriz em seu *Rainhas de Portugal*, de 1879. Em adição a esses livros, existem apenas alguns artigos publicados em revistas de institutos históricos e em anuários de museus que não fazem parte da leitura do público em geral e, muitas vezes, acrescentam bem pouco a respeito da personagem em questão.

Claudia Thomé Witte, para a nossa sorte, não se limitou a ler três livros e cinco artigos, dar uma busca na *internet* e escrever uma quarta obra sobre d. Amélia. Muito menos ficou restrita à documentação da segunda imperatriz existente no Brasil. Aí está, em grande parte, o seu mérito e o nosso ganho.

A autora demonstra ao longo de seu trabalho que, definitivamente, a vida de d. Amélia não foi comum, como não foi comum a de nenhum outro membro da família Bonaparte. Sua infância em berço de ouro, na Itália, seria interrompida com a queda do império napoleônico. Fugindo entre os escombros, Amélia, ainda bebê, junto com a sua família, cruzaria os Alpes cobertos de neve para chegar à Baviera em busca de proteção. Todo esse colorido de ações, emoções, aventuras e tragédias da vida da nossa segunda imperatriz chega ao leitor através da escrita brilhante da autora.

A pesquisadora consultou arquivos por 20 anos, viajou por 10 países e traduziu em cinco idiomas. Pensou, repensou, construiu análises, desconstruiu personagens, entrou em minúcias e conseguiu sair delas, feito raro para quem se debruça sobre o mesmo tema há décadas. O resultado é um mergulho ao longo do século XIX em dois continentes e em vários países que nos traz revivida d. Amélia de Leuchtenberg. Sua passagem pelo Brasil foi rápida como a de um cometa, porém o seu efeito foi muito menos fugaz que a falsa ideia de sua não permanência faz julgar a princípio. Já em Portugal, a história da vida do *Libertador* agora é efetivamente revelada e contada à luz de documentação inédita localizada na Alemanha e na Suécia.

Uma das questões levantada pela autora, nesta obra, é a importância de d. Amélia na criação dos filhos órfãos de d. Leopoldina. D. Pedro II, d. Januária e d. Francisca nunca foram esquecidos por ela. Mesmo distante, em seu exílio na Europa, d. Amélia foi uma presença constante na vida dos enteados, que, ao longo dos anos, tiveram oportunidades de rever a sua mãe de criação. Além de influenciar na escolha dos maridos de suas netas, as princesas d. Isabel e d. Leopoldina, filhas de d. Pedro II, d. Amélia também o

aconselhou diversas vezes sobre outros temas. Durante o exílio na Inglaterra, imposto a d. Francisca devido à queda do sogro, o rei Luís Filipe, do trono da França, d. Amélia abriu para a enteada uma linha de crédito para que ela tivesse como se sustentar. D. Pedro II, em uma carta, lamentaria a morte da ex-imperatriz, afirmando que ela fora a única mãe que ele conheceu.

De todos os filhos de d. Pedro I e d. Leopoldina, d. Amélia teve mais proximidade com a mais velha, a rainha d. Maria II de Portugal. Ambas conviveram antes mesmo de d. Amélia chegar ao Brasil. O destino delas se entrelaçou em 1829 quando a rainha, após ter o seu trono tomado por seu tio, d. Miguel, partiu da Europa para junto de seu pai no Brasil. D. Amélia e d. Maria II foram para o Rio de Janeiro no mesmo navio e viveram nesta cidade até 1831. Posteriormente, elas conviveram por outros dois anos no exílio, em Paris, enquanto d. Pedro lutava para restaurar a filha no trono de Portugal. Madrasta e enteada passaram juntas por diversas perdas, como a de d. Pedro e a do primeiro marido de d. Maria II, d. Augusto, irmão de d. Amélia. A duquesa de Bragança desenvolveu um forte relacionamento com o novo genro, o rei d. Fernando, e os filhos do casal, a quem ela sempre considerou seus netos. D. Maria II, após um problema em seu último parto, veio a falecer nos braços de sua madrasta em 1853.

Além dos enteados, d. Amélia teve uma única filha com d. Pedro, a princesa d. Maria Amélia. A educação dessa filha levou-a a enfrentar os entraves de sua época a respeito da educação superior para o sexo feminino. D. Maria Amélia, uma princesa brasileira, foi a primeira mulher a estudar física e prestar os seus exames na Universidade de Munique, na Baviera.

O legado de d. Amélia também se estendeu a Isabel Maria, filha que d. Pedro I teve com a sua amante, a marquesa de Santos. Reconhecida pelo pai e feita duquesa de Goiás em 1826, ela contou com a proteção da ex-imperatriz para terminar a sua educação na Europa e se casar dentro da nobreza germânica. Ainda no quesito “ser mãe no século XIX”, são importantíssimas as cartas que a escritora descobriu escritas pela duquesa Augusta de Leuchtenberg para a filha d. Amélia. Nelas, vemos por escrito os conselhos, que, normalmente, eram passados por voz e no dia a dia, sobre o que a jovem devia esperar do casamento e da vida conjugal, como deveria se preparar para um parto e quais os cuidados com o corpo antes, durante e depois dele.